

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

LEONARDO ROBERTO GOULART

TRAJETÓRIA DAS PARALÍMPIADAS ESCOLARES DE 2009 A 2016

**FLORIANÓPOLIS
2017**

LEONARDO ROBERTO GOULART

TRAJETÓRIA DAS PARALÍMPIADAS ESCOLARES DE 2009 A 2016

Trabalho de conclusão de curso apresentado à disciplina DEF5874 - Seminário de Conclusão de Curso II, do Curso de Graduação em Educação Física - Licenciatura, do Centro de Desportos (CDS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como requisito parcial para obtenção do título de professor em Educação Física

Orientadora: Prof^a. Dr. Bruna Barboza Seron

Coorientador: Prof^o Me. Roger Lima Scherer

FLORIANÓPOLIS
2017

LEONARDO ROBERTO GOULART

TRAJETÓRIA DAS PARALÍMPIADAS ESCOLARES DE 2009 A 2016

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Educação Física no Centro de Desportos da
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca examinadora:



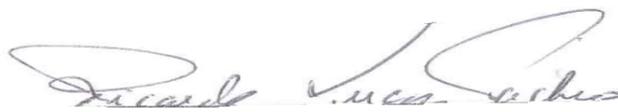
Orientadora: Prof^ª. Dra. Bruna Barboza Seron
Centro de Desportos, UFSC.



Coorientador: Prof^º Me. Roger Lima Scherer
Centro de Desportos,



Examinador: Prof^ª. Dra. Gabriela Fischer
Centro de Desportos, UFSC



Examinador: Prof^º. Me. Ricardo Lucas Pacheco
Centro de Desportos, UFSC.

Florianópolis, 03 de julho de 2017.

Que nunca te falte um sonho pelo qual lutar, um projeto para realizar, algo para aprender, um lugar para onde ir e alguém a quem amar!

(Autor desconhecido)

Aos familiares, pelo apoio.

Aos amigos, pelas alegrias.

Aos professores, pelas instruções.

AGRADECIMENTOS

Etapas são concluídas e objetivos são alcançados de acordo com seus atos, com as pessoas que lhe cercam, com as oportunidades disponibilizadas, com seus pensamentos e sua crença.

Agradeço a Deus, pela dádiva da vida e por cada amanhecer, concedendo-me novas oportunidades de crescer como ser humano.

Aos meus familiares, especialmente meus pais e avós, pelo carinho, companheirismo, conselhos e principalmente por respeitarem minha escolha profissional. Mãe, como sempre, você tinha razão! “Deu tudo certo”.

Aos meus irmãos, Lucas e Luana, que inúmeras vezes cumprem a tarefa de irmão(a) mais velho(a), no qual deveria ser minha, aconselhando-me ou simplesmente se fazendo presente, obrigado e contem sempre comigo.

Tia Andreia (In memoriam), não há como descrever os valores e ensinamentos que você me proporcionou, nunca te esquecerei, assim como não esqueço nosso último abraço, para sempre em meu coração!

Agradeço também, aos amigos de infância que se fazem presentes na minha vida até hoje, aos grandes amigos que fiz ao longo da graduação, em especial ao “meu irmão de outra família” Leandro Valentim e demais colegas do curso de Educação Física – UFSC, bem como todos que conheci ao longo desses anos de Universidade, inclusive você Viviane Mohr, que se fez presente em grande parte dessa caminhada, obrigado e que o destino proporcione o melhor na vida de vocês.

Aos professores e servidores que contribuíram para minha formação escolar e universitária, serei sempre grato.

Aos amigos da ACESA e do Projeto Sábado no Campus, com carinho especial aos professores: Roger, Bruna e Luciano. A todos os bolsistas que passaram pelo projeto, principalmente: Raquel, Denis, Leandro e Dorival, que me acolheram desde o ingresso, contribuindo para o meu início nas atividades paradesportivas. Destaco também a parceria e amizade dos atletas de Goalball, dentro e fora das quadras, vocês são incríveis.

Por último, porém não menos importante, agradeço imensamente a minha orientadora: Prof^a. Dra. Bruna B. Seron e meu Coorientador: Prof^o Me. Roger L. Scherer, pela ajuda, confiança, paciência e principalmente por me mostrarem que sempre existe uma alternativa.

RESUMO

O paradesporto, é um grande meio de oportunidades para as pessoas com deficiência, tanto em relação à saúde e reabilitação, como nos aspectos sociais, possibilitando inclusão, interação e socialização. As Paralimpíadas Escolares surgem como um espaço propulsor dessas oportunidades proporcionadas pelo paradesporto, apontando objetivos específicos quanto à utilização da prática esportiva na socialização de alunos com deficiência física, intelectual e visual, contribuindo com novos conhecimentos, permitindo o contato e a troca de histórias e experiências com pessoas de todo país. Frente a isso, o estudo buscou analisar cada edição das paralimpíadas escolares, a fim de avaliar a trajetória deste evento até o presente momento (2009 a 2016). Uma análise documental de todos os boletins disponíveis no site do CPB por edição, com abordagem quantitativa foi utilizada para chegar aos resultados. Gráficos e tabelas com informações retiradas dos boletins oficiais são apresentados para análise, na busca de suprir cada objetivo proposto por essa pesquisa. A participação dos Estados brasileiros aumentou gradativamente até o ano de 2013, onde os 26 estados, mais o Distrito Federal, inscreveram suas delegações na Paralimpíadas Escolares, tendo a queda de dois Estados participantes nos anos seguintes. Os números de modalidades do evento sofreram ajustes ao longo das edições, já as provas individuais tiveram inúmeras variações no quesito desempenho. De maneira geral, o apoio, a valorização e os investimentos são os fatores que mais contribuem para o crescimento e desenvolvimento do paradesporto nacional, assim como contribuem para a participação das delegações de cada estado nas paralimpíadas escolares, refletindo diretamente na trajetória e realização de cada edição.

Palavras-chave: Paralimpíadas Escolares; Pessoa com Deficiência; Alunos; Paradesporto.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA.....	9
1.2 OBJETIVO GERAL.....	12
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
1.4 JUSTIFICATIVA.....	13
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	14
2.1 PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE E ATIVIDADE FÍSICA.....	14
2.2 A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE OPORTUNIDADES.....	15
2.3 ESPORTE PARALÍMPICO E PARALÍMPIADAS ESCOLARES.....	18
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1 TIPO DE ESTUDO.....	22
3.2 COLETA DE DADOS.....	22
3.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS.....	23
3.5 ANÁLISE DOS DADOS.....	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
4.1 ESTADOS PARTICIPANTES DAS PARALIMPÍADAS ESCOLARES.....	25
4.2 ALUNOS E MEMBROS DE COMISSÃO TÉCNICA PARTICIPANTES DAS PARALIMPÍADAS ESCOLARES.....	26
4.3 NÚMERO DE MODALIDADES E MEDALHAS DISTRIBUÍDAS.....	28
4.4 CLASSIFICAÇÃO GERAL DAS PARALIMPÍADAS ESCOLARES.....	30
4.5 CLASSIFICAÇÃO NAS MODALIDADES COLETIVAS.....	31
4.6 CLASSIFICAÇÃO NAS MODALIDADES INDIVIDUAIS.....	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA E SUA IMPORTÂNCIA

As pessoas com deficiência encontram muitas dificuldades no seu dia a dia não só pelas limitações de natureza física, intelectual e/ou sensorial, mas também, pela falta de oportunidades de integração e socialização perante a sociedade que lhe cerca, infelizmente isso ocorre mesmo com leis que constam na jurisdição garantindo o direito dessas pessoas. Segundo a Constituição Federal (Brasil, Art.5, 1988) todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.

Especificamente existe uma lei relacionada diretamente as pessoas com deficiência que se trata da LBI - Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/15).Gabrilli (2015) diz que a deficiência deixa de ser uma particularidade da pessoa e passa a ser o resultado da falta de acessibilidade que a sociedade e o Estado dão às características individuais de cada um, ou seja, a LBI foi criada para mostrar que a deficiência está no meio, não nas pessoas. Diante disso conclui-se que quanto maior o acesso e as oportunidades de uma pessoa, menores serão suas dificuldades por motivos de características individuais.

Para que essas oportunidades apareçam, os governantes devem investir na criação, reforma e complementação das unidades de ensino, bem como praças, clubes e demais áreas públicas de lazer com equipamentos adaptados, acesso adequando bem como nos esportes.

Segundo Barbosa (1991), o esporte estimula a socialização, serve como um “antídoto” natural de vícios, ocasiona maior empenho na busca de objetivos, reforça a autoestima, ajuda a equilibrar a ingestão e o gasto de calorias e leva a uma menor predisposição a moléstias. Agrícola (2007), diz que entre as habilidades naturais do ser humano, é o esporte que tem uma maior aceitação e legitimidade no contexto social atual, despertando sentimentos, atitudes, comportamentos e reações, como força e fenômeno social.

Nahas (2013) completa que, pessoas com deficiência (Motora, intelectual ou sensorial) tendem a ser menos ativas fisicamente, mas possuem as mesmas necessidades de prevenção de doenças e no incremento da qualidade de vida. As

atividades físicas regulares podem reduzir sintomas de ansiedade e depressão, além disso, promover a socialização e aumentar a percepção de bem-estar geral das pessoas com deficiência.

Enquanto muitas coisas que “estão no papel” não funcionam na prática, o local com maior oportunidade para as crianças realizarem atividades físicas são nas escolas e centros de ensino, mais precisamente nas aulas de educação física. A UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) estabelece que a prática da Educação Física é um direito fundamental de todos e que os programas devem dar prioridade aos grupos menos favorecidos no seio da sociedade (Carta Internacional de Educação Física de Desportos 1978).

Segundo Rosadas (1991) a Educação Física, vem ganhando cada vez mais espaço frente às práticas corporais na sociedade já que apresenta variadas opções para a realizações de exercícios físicos, bem como, criar e adaptar exercícios e modalidades esportivas para que as pessoas com deficiência sintam o mesmo prazer que as pessoas sem deficiência sentem ao realizar uma atividade física. Sendo que o desenvolvimento corporal dos indivíduos pode ser trabalhada na Educação física em conjunto com outras disciplinas para se alcançar um melhor resultado na formação do corpo. Um dos locais mais adequados para a realização dessas práticas é a escola, por ser uma grande desenvolvedora de opiniões e personalidades, influenciando direta ou indiretamente na criação dos cidadãos.

Para Diehl (2008) há inúmeras possibilidades de aprendizado na Educação Física, atividades que envolvam desde a consciência e imagem corporal, dimensões do corpo, lateralidade, percepções sensitiva e cognitiva até as que envolvam as capacidades físicas, como força e flexibilidade. Tudo isso pode ser trabalhado por meio das mais diversas vivências, entre elas, o Esporte Adaptado, que ainda não faz parte do contexto escolar. Além disso, os Esportes Adaptados podem ser uma ferramenta de inclusão para a escola.

Além de práticas corporais, a escola juntamente com seu corpo docente tem oportunidade e deve contextualizar as atividades e o esporte de modo teórico apresentando as origens, especificidades e os eventos nos quais essas práticas então inseridas. Muito se vê e ouve na mídia sobre as Olimpíadas que movem nações, afinal, segundo ANTÔNIO (2016) as olimpíadas do Rio 2016 venderam 6,1 milhões de ingressos além de atrair uma audiência global de 3 bilhões de telespectadores e movimentar “milhões” em sites de apostas online, já as

paralimpíadas tiveram apenas 2 milhões de ingressos vendidos e uma transmissão “enxuta” mesmo sendo um evento com mais de 50 anos de história.

A diferença entre os jogos olímpicos e paralímpicos não fica apenas por conta da bilheteria e divulgação, cada evento tem um comitê organizador diferente, o Comitê Olímpico Internacional (COI) e o Comitê Paralímpico Internacional (CPI), são entidades separadas, porém que trabalham juntas dando algumas especificidades aos seus respectivos eventos, como as modalidades. Apesar das semelhantes modalidades, cada esporte praticado nas paralimpíadas têm sua particularidade que vão desde as diferentes classificações, adição de guias, próteses, cadeira de rodas e até mesmo exclusividade como no caso do Goalball e da bocha, modalidades que não estão presentes nos jogos olímpicos.

O esporte paralímpico vem em constante mudança desde a primeira edição oficial dos jogos em 1960 na cidade de Roma. A evolução e o crescimento são tão notórios que em 2016 os Jogos Paralímpicos contaram com mais de 150 delegações competindo em 22 esportes. São esses fatores que contribuem para que os Jogos Paralímpicos sejam o segundo maior evento esportivo mundial, ficando atrás apenas dos próprios jogos Olímpicos.

Para Florentino (2006) não há dúvidas de que o esporte é um fenômeno sociocultural de importante valor em nossa sociedade, cada vez mais, diferentes grupos sociais praticam esporte, nos parques, nas ruas, como forma de lazer, distração e integração, sua importância enquanto fenômeno social e cultural se comprova pela prática no mundo todo. É devido a importância do esporte no meio social que crianças e adolescentes utilizam a prática do mesmo como forma de interagir, socializar e pertencerem a um ciclo de amizades. Segundo Weinberg e Gould (2001), as crianças e adolescentes se interessam pelo esporte devido às oportunidades que o mesmo proporciona de estar com os amigos e fazer novas amizades. Tubino (2005) complementa que, sem dúvida, as atividades físicas e principalmente esportivas são um dos melhores meios de convivência e interação humana.

Frente a esses apontamentos, no Brasil criou-se também as Paralimpíadas Escolares. Elas veem acontecendo desde 2009 e buscam suprir alguns objetivos específicos como: utilizar a prática esportiva como fator de integração e intercâmbio sociocultural e desportivo entre estudantes, contribuir para o desenvolvimento

integral do aluno como ser social, autônomo, democrático e participante, estimulando o pleno exercício da cidadania através do esporte, oportunizar um ambiente para o desenvolvimento dos destaques esportivos Paralímpicos, entre outros.

O nome Paralimpíadas Escolares já é autoexplicativo, consiste em um evento esportivo destinado a alunos do gênero masculino e feminino com deficiência física, visual e intelectual com idade mínima de 12 anos e máxima de 17 anos desde que estejam devidamente matriculados e frequentando escolas do Ensino Fundamental, Médio ou Especial da Rede Pública ou Particular do Estado em que estejam representando, com reconhecimento do Ministério da Educação.

Diante dos objetivos principais das paralimpíadas escolares e da clareza na importância do esporte como fonte de socialização, inclusão e interação entre pessoas, contribuindo assim para uma melhor qualidade de vida de maneira geral desde a infância e refletindo na vida adulta, este estudo se propõe a analisar: como foi a trajetória das paralimpíadas escolares de 2009 a 2016?

1.2 OBJETIVO GERAL

Analisar a trajetória das Paralimpíadas Escolares de 2009 a 2016.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar o número de estados participantes;
- Identificar o número de alunos e membros das comissões técnicas participantes;
- Identificar o número de modalidades presente em cada edição;
- Identificar o número de medalhas distribuídas em cada edição;
- Analisar a classificação por Estado;
- Analisar a classificação das modalidades coletivas;
- Analisar a classificação das modalidades individuais.

1.4 JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa justifica-se pela busca de preencher uma lacuna na literatura em relação à trajetória de grandes eventos voltados ao público escolar referente a

peças com deficiência. A base de dados com essa temática é quase nula, existem poucos estudos sobre eventos sistematizados para esse público alvo. O interesse é contribuir para a identificação de alguns pontos específicos relacionados a esses eventos, como por exemplo: se há progressão em relação aos participantes e principalmente progressão no envolvimento de adolescentes com deficiência de maneira geral. Contudo, essa análise pode ajudar possíveis ideias e estratégias para os futuros eventos e possivelmente para a percepção de pontos que ainda precisam ser ajustados, tanto em questão de alcançar o maior número possível de pessoas com deficiência, quanto à preparação, formação e envolvimento de profissionais da área de educação física.

Por fim, mas não menos importante, destaca-se a motivação pessoal, interesse pela temática e, sobretudo a paixão pela educação física adaptada e pelo trabalho com crianças e adolescentes, ambos aflorados durante a graduação, nas disciplinas de Educação Física Adaptada, Teoria e Metodologia dos Esportes Adaptados, Estágios supervisionados I e II, destacando-se a participação no Projeto de extensão “Sábado no Campus: Esportes Adaptados” onde surgiu a oportunidade de conhecer grandes profissionais, atletas e sobretudo, fazer grandes amigos.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 PESSOAS COM DEFICIÊNCIA E A IMPORTÂNCIA DO ESPORTE E ATIVIDADE FÍSICA

A Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/15 Art. 2º) considera uma pessoa com deficiência caso ela tenha impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial de poder ter uma participação plena e efetiva de igual para igual em termos de condições com as demais pessoas na sociedade. Gabrilli (2015) diz que a deficiência deixa de ser uma particularidade da pessoa e passa a ser o resultado da falta de acessibilidade que a sociedade e o Estado dão às características individuais de cada um. Gabrilli (2009) diz que os estabelecimentos públicos e privados veem providenciando mudanças constantes, mas falta ainda uma fiscalização rigorosa do governo federal e de órgãos municipais para que a lei seja cumprida, afinal, as leis são criadas para serem respeitadas e seguidas.

Inúmeras mudanças precisam acontecer em locais que ainda se encontram inacessíveis para pessoas com deficiência, seu direito de ir e vir deve ser respeitado e precisa ser fortalecido assim como seu direito a saúde, trabalho, educação e lazer. A melhoria e o acesso aos lugares possibilitará maior inserção social das pessoas com deficiência nos órgãos públicos e privados, possibilitando assim o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva e uma vida mais saudável (PAGLIUCA, ARAGÃO e ALMEIDA, 2007).

Para alcançar uma vida saudável, diversos são os contextos de participação na sociedade e da vida de um indivíduo que devem estar em equilíbrio. Nesse sentido, a prática de esporte e de atividades físicas contribuem para a inclusão e participação na sociedade, bem como para uma melhoria na qualidade de vida. Segundo Pitanga (2004) nos últimos tempos foram evidenciadas as vantagens e a importância da atividade física na vida do ser humano, essa importância sempre existiu, porém não tinha o reconhecimento que merecia.

Ao relacionar a prática de atividades físicas para pessoa com deficiência, o termo mais utilizado neste contexto é educação física adaptada ou atividade física adaptada. Rodrigues (2006) diz que os objetivos da atividade física adaptada é proporcionar alegria e prazer aos seus participantes, o mesmo considera a alegria como o elemento básico e fundamental dessas atividades, proporcionando aos participantes que se sintam realizados em vencer sua própria deficiência.

Feijó (2006) relata que a educação física adaptada tem um papel importantíssimo na integração do ser humano, e tem como propósito aumentar e dar foco as possibilidades de participação de pessoas com deficiência em programas de atividade física e movimento corporal humano. Nahas (2013) completa que, pessoas com deficiência (motora, intelectual ou sensorial) tendem a ser menos ativas fisicamente, mas possuem as mesmas necessidades de prevenção de doenças e no incremento da qualidade de vida. As atividades físicas regulares podem reduzir sintomas de ansiedade e depressão, além disso, promover a socialização e aumentar a percepção de bem-estar geral das pessoas com deficiência.

Além de todos os benefícios já conhecidos, de acordo com Melo (2002), a prática de esportes ou atividade física por pessoas com deficiência pode proporcionar oportunidades para o indivíduo testar seus limites, potencialidades e promover integração social. Levando em consideração que a primeira etapa da nossa vida é a infância e as crianças muitas vezes têm o primeiro contato com o esporte na escola, surge um impasse: a falta de acesso adequado em alguns lugares e instituições. Segundo Gabrilli (2009) as escolas precisam de atenção e de investimentos urgente para receberem adequadamente alunos com deficiência em suas instalações.

2.2 A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE OPORTUNIDADES

O esporte, segundo Rubio (2011) é um dos “maiores fenômenos culturais da sociedade contemporânea”, sendo assim, muitos são os motivos que levam as pessoas a praticarem ou a fugir de sua prática desde a infância. Faria (2005) diz que o esporte, além de ajudar na saúde contribui muito na interação de uns com os outros, pois enfatiza o trabalho em equipe fazendo com que as pessoas interajam, troquem experiências, respeitem e desenvolvam diversos conceitos em função dos diversos papéis sociais que terão que adquirir durante sua prática.

De acordo com Carmo (2009) os indivíduos levam em consideração alguns fatores para o início esportivo, são eles: diversão, ocupação de tempo livre e auto superação. Outro fator crucial na decisão pela prática do esporte é o desenvolvimento do meio social, crianças e adolescentes utilizam a prática do mesmo como forma de interagir, socializar e pertencerem a um ciclo de amizades.

Segundo Weinberg e Gould (2001), as crianças e adolescentes se interessam pelo esporte devido às oportunidades que o mesmo proporciona de estar com os amigos e fazer novas amizades. Tubino (2005) complementa que sem dúvida as atividades físicas e principalmente esportivas são um dos melhores meios de convivência e interação humana. Weinberg e Gould (2001) ainda voltam a dizer que a participação das crianças no esporte atinge o máximo entre as idades de 10 e 13 anos e então vai diminuindo ao longo dos anos, observando desta maneira que o tempo cronológico em que a criança mais participa do esporte é o mesmo tempo em que ela deve estar na escola, tendo assim as aulas de educação física como grande fator de oportunidade para a prática e iniciação esportiva.

Segundo Finck (2011) a partir do momento que a educação física e o esporte favorecerem o desenvolvimento das aptidões da criança, eles começam a fazer parte da educação, sendo uma autêntica escola para a vida social. A educação física tem vários objetivos, Santos (2007) cita alguns deles como:

Os principais objetivos da Educação Física é o despertar para o prazer de aprender a aprender; Potencializar a capacidade de criar e recriar situações de aprendizagem; ampliar a capacidade de comunicação; Prevenir dificuldades relacionais, emocionais, motoras e de aprendizagem; Incentivar a autoestima e facilitar a socialização; Prevenir dificuldades relacionais de desenvolvimento e de aprendizagem; Exercer uma prática terapêutica no caso de dificuldades relacionais de desenvolvimento e de aprendizagem já instalados; oportunizar uma estruturação mais saudável da personalidade; Estimular posturas positivas frente a si, ao outro e ao mundo (SANTOS, 2007, p.9).

Como dito, o esporte proporciona a possibilidade de trabalhar vários elementos e habilidades do aluno ao mesmo tempo. Mattos (2006) ressalta que as aulas de educação física possibilitam interações sociais únicas, sendo que muitas vezes é nesta disciplina escolar que a criança tem a oportunidade de relacionar-se com as mais variadas formas de comunicação, como linguagem motora, modelos, respeito e cognitivo. Oliveira (2013) diz que o esporte é importante desde a infância porque vem se mostrando cada vez mais como um instrumento educacional visando o desenvolvimento das crianças e adolescentes como um todo, dando-lhes a capacidade de lidarem com suas necessidades, desejos e expectativas, bem como, com as necessidades, expectativas e desejos dos outros, de forma que o mesmo possa desenvolver as competências técnicas, sociais e comunicativas, essenciais ao seu processo de desenvolvimento individual e social.

A educação física segundo Bracht (2005) ainda tem outra tarefa que é a de preparar alunos para que sejam lúcidos e ativos incorporando o esporte, o jogo, a dança e as ginásticas em sua vida aproveitando ao máximo as oportunidades e benefícios dessas práticas. Porém de acordo com Meyer (2007) o esporte ainda não é aproveitado e utilizado como deveria pelas instituições educacionais, diante desta situação, meios alternativos são procurados fora da escola para a prática esportiva.

Segundo Boer (2010), pelo fato das crianças poderem revelar suas intenções e expressarem seus sentimentos durante a prática de esportes, construindo estratégias e criando momentos a fim de atingirem seus objetivos, o mesmo torna-se um instrumento de relacionamento social valioso. Entre as formas de iniciação no esporte fora do ambiente escolar, Ramos e Neves (2008), dizem que o período em que a criança começa a aprender especificamente a prática de um esporte é caracterizado como iniciação esportiva, Fock e Lins (2010) afirmam que essa iniciação se dá após a apresentação recreativa do esporte em questão e então ao passar do tempo a criança vai conhecendo a fundo as características da modalidade.

De acordo com Corseuil e Preres (2010), disciplina, dedicação e companheirismo são fatores positivos que contribuem na formação da personalidade de uma criança e por esse motivo, muitos pais escrevem seus filhos em projetos esportivos ou matriculam em escolinhas, justamente por acreditarem nos vários benefícios das práticas esportivas. Para Borges (2009) o esporte agrega valores no contexto escolar, comunitário e social, contribuindo assim para seus praticantes desenvolverem-se como um todo. Contudo Vianna e Lovisolo (2011), tratam o esporte como um meio importante de socialização pelos valores atingidos com sua prática e pelas referências que podem influenciar em uma tomada de decisão, todos esses aspectos são relevantes para vencerem obstáculos da vida cotidiana.

Frente a esses apontamentos, são criados eventos, competições e oportunidades com os mais diversos objetivos para crianças e adolescentes fora do ambiente escolar, muitas vezes para completar o que se inicia em casa, na escola, projetos e escolinhas, exemplo disso são as Paralimpíadas Escolares.

2.3 ESPORTE PARALÍMPICO E PARALÍMPIADAS ESCOLARES

O início dos jogos paralímpicos se deu após as grandes guerras que fizeram com que as autoridades de cada nação se preocupassem com seus soldados mutilados e feridos em combate, a história que consta no site do CPB (Comitê Paralímpico Brasileiro) diz que em 1948, Ludwig Guttman organizou uma competição esportiva envolvendo pessoas com lesão na medula espinhal recorrentes da Segunda Guerra Mundial. Após quatro anos, na Holanda, competidores uniram-se aos jogos, nascendo assim, um movimento internacional, conhecido nos dias de hoje por movimento paralímpico. Este fez com que os jogos para atletas com deficiência fossem organizados pela primeira vez em Roma, em 1960. Após sua primeira edição, os jogos paralímpicos acontece a cada quatro anos, sempre no mesmo ano dos jogos olímpicos.

Devido ao crescimento do esporte adaptado, em 1964 foi criada a Organização Internacional de Esportes para Deficientes (ISOD) e mais mudanças significativas foram acontecendo ao passar dos anos, em 1976 outros grupos com deficiência foram incluídos aos jogos, merecendo destaque também a primeira edição dos Jogos Paralímpicos de Inverno. Em 1988 ocorreu uma mudança ainda mais significativa e que permanece até os dias de hoje, os Jogos Olímpicos e Paralímpicos foram realizados no mesmo local (Seul).

Para competirem nas modalidades, os atletas precisam passar por uma classificação funcional, de acordo com o Portal Brasil (2012), o objetivo é garantir o nível mais próximo de igualdade, não é separar apenas as deficiências, mas sim tentar nivelar ao máximo a capacidade esportiva de cada concorrente, assegurando que os competidores cheguem a vitória graças às suas melhores técnicas, habilidades e não por um suposto favorecimento físico sobre as deficiências dos rivais.

Ainda segundo o Portal Brasil (2012), a natação e o atletismo são as modalidades que mais conseguem incluir competidores com diferentes características. Nas provas de pista do atletismo, por exemplo, deficientes visuais competem entre as categorias T11 a T13, pessoas com deficiência intelectual na categoria T20, paralisados cerebrais entre T31 e T38, amputados e outros entre T41 e T46 e cadeirantes entre T51 e T54.

Para Brazuna e Mauerberg (2001) um dos maiores benefícios do esporte para as pessoas com deficiência é a quebra de “rótulo”, eles passam a serem conhecidos como atletas, como um jogador, nadador, corredor, por exemplo. Frente a esse apontamento, sabe-se que o incentivo e investimentos são fatores primordiais para oportunidades e eventos esportivos acontecerem, ainda mais para motivarem atletas a participarem e competirem. Segundo Alves e Pieranti (2007) os investimentos no esporte vêm aumentando nos últimos tempos, parte desse investimento se deve a grandes empresas e corporações que divulgam suas marcas a âmbito nacional e internacional através dos atletas, parte do investimento governamental se dá através de um programa chamado bolsa atleta, que consiste em ajuda financeira durante 1 ano para os atletas e paratletas contemplados, porém, quando se trata de paratletas os investimentos ainda são reduzidos.

Segundo o Ministério do Esporte Brasileiro (2013), o Bolsa Atleta é o maior programa de incentivo direto ao atleta no mundo, esses benefícios são dados em 6 categorias diferentes, são elas: Atleta de Base, Estudantil, Nacional, Internacional e Olímpico/Paralímpico e Pódio. Esse programa federal serviu de inspiração para alguns estados e municípios brasileiros criarem alguns programas semelhantes, todos esses programas servem de incentivo para crianças e adolescentes iniciarem no esporte.

Independente dos motivos, o sonho de um paratleta é participar de grandes eventos, obter bons resultados e colher os bons frutos de toda sua dedicação, Corseuil e Preres (2000) relatam que o início do aprendizado esportivo é um momento crucial para a formação integral das crianças e para prepará-las e estabelecerem uma base sólida para o futuro. Para alcançar objetivos e chegar ao auge na vida adulta, é preciso partir do início, a iniciação esportiva deve ser adequada, além do mais, oportunidades precisam ser dadas. Reis e Sousa (2015) falam sobre o projeto “Marabá Paralímpico” que iniciou no ano de 2008.

O projeto “Marabá Paralímpico” tem como objetivo geral o seguinte:

Desenvolver atividades físicas/treinamento do Esporte Adaptado em ambiente acessível e seguro para indivíduos com deficiência físico/motora, auditiva, visual e mental, a fim de melhorar sua qualidade de vida, através da prática do esporte, incentivando e elevando a autoestima, oportunizando a inclusão social através da independência e autonomia para inserção e acompanhamento no ensino formal até a descoberta de novos talentos, contribuindo assim para o Esporte Paralímpico (REIS; SOUSA, 2015, p. 6)

De maneira sucinta, Reis e Sousa (2015) também mostram os objetivos específicos do projeto em questão, são eles:

- Introduzir o esporte como fator de desenvolvimento educacional e como veículo de formação física, intelectual e social dos indivíduos;
- Facilitar o acesso das pessoas com deficiência à estimulação precoce e prática da iniciação ao esporte adaptado;
- Promover a melhoria da qualidade de vida e saúde através do esporte;
- Promover um ambiente seguro e confiável para a prática esportiva;
- Promover aproximação e integração dos participantes.

Dando continuidade, Reis e Sousa (2015) ainda citam as oportunidades de participação em outros eventos que este projeto vem proporcionando aos atletas envolvidos, uma dessas oportunidades é a participação no evento ápice para as crianças e adolescentes paratletas, que são as paralimpíadas escolares.

O nome Paralimpíadas Escolares já é autoexplicativo, consiste em um evento esportivo destinado a alunos do gênero masculino e feminino com deficiência física, visual e intelectual com idade mínima de 12 anos e máxima de 17 anos desde que estejam devidamente matriculados e frequentando escolas do Ensino Fundamental, Médio ou Especial da Rede Pública ou Particular do Estado em que estejam representando, com reconhecimento do Ministério da Educação.

Das normas gerais do Regulamento Geral (2017) referente a finalidade das paralimpíadas escolares:

As Paralimpíadas Escolares 2017 têm por finalidade estimular a participação dos estudantes com deficiência física, visual e intelectual em atividades esportivas de todas as escolas do território nacional, promovendo ampla mobilização em torno do esporte (Art. 2º, p. 4).

Referente a justificativa, também presente nas normas gerais do Regulamento Geral (2017):

Ao educar o jovem através da prática esportiva escolar, almeja-se cada vez mais difundir e reforçar a construção de valores da cidadania e os ideais do movimento Paralímpico. Estes direcionados para construção de um mundo melhor e mais pacífico, livre de qualquer tipo de discriminação, entendimento da diversidade humana e dentro do espírito de compreensão mútua, fraternidade, solidariedade, cultura da paz e fair-play. Através das atividades desportivas, crianças e jovens constroem seus valores, seus conceitos, socializam-se e, principalmente, vivem as realidades (Art. 3º, p. 4).

Os objetivos da realização das paralimpíadas escolares também são expressados no regulamento, destacam-se os seguintes:

- Fomentar e estimular a participação de estudantes de todo o território nacional com deficiência física, visual e intelectual na prática de atividades esportivas;
- Oportunizar um ambiente para o desenvolvimento dos destaques esportivos Paralímpicos;
- Utilizar a prática esportiva como fator de integração e intercâmbio sociocultural e desportivo entre estudantes;
- Garantir o conhecimento do esporte Paralímpico de modo a oferecer mais oportunidade de acesso à prática inclusiva escolar em todo o território nacional;
- Contribuir para o desenvolvimento integral do aluno como ser social, autônomo, democrático e participante, estimulando o pleno exercício da cidadania através do esporte.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPO DE ESTUDO

Esta pesquisa tratasse de um estudo descritivo. Segundo Triviños (1987), a pesquisa descritiva exige inúmeras informações sobre o assunto alvo do pesquisador, pretendendo assim descrever fatos e fenômenos de uma realidade. Sua abordagem é quantitativa pois Fonseca (2002) diz que:

Os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente(FONSECA, 2002, p. 20).

O procedimento utilizado será o de análise documental, segundo Fonseca (2002):

A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

3.2 COLETA DE DADOS

Os documentos analisados na presente pesquisa foram os boletins oficiais de todas as edições das paralimpíadas escolares até o presente momento, ou seja, de 2009 a 2016 disponíveis no site do CPB <<http://www.cpb.org.br>> na aba Competições e Eventos/Paralimpíadas escolares. Neste espaço estão localizados todos os boletins separados pelo ano de sua edição, em média são 5 boletins por evento, com exceção do ano de 2013 que conta com 6 boletins, porém a edição de 2009 não consta com o documento de nº1 e o espaço destinado aos boletins de 2010 só guarda o de nº1 e nº5 sendo os demais (nº2, nº3 e nº4) correspondentes a edição das paralimpíadas escolares de 2011 que se repetem no espaço destinado a

mesma, possivelmente uma falha ou confusão ocasionada durante a hospedagem dos documentos no site.

Formalmente de modo geral, cada boletim traz as informações necessárias para cada etapa do evento, ou seja, início, meio e fim das paralimpíadas escolares. Os documentos de nº1 representam o início das paralimpíadas escolares, além de agradecimentos, mensagens, boas vindas e informes gerais (local de hospedagem, local das competições, transporte, etc.), trazem também informações sobre a organização e os membros organizadores, tais como, comitê organizador, comissão central, coordenadores, diretores e demais envolvidos. Além disso, também consta no 1º boletim oficial do evento as delegações inscritas, o número de participantes por estado, separados entre alunos e equipe técnica, informação referente a clínicas, classificação funcional e oftalmológica dos atletas, datas e horários do congresso técnico bem como das cerimônias de abertura e encerramento.

Os boletins de nº2 a nº4 trazem lembretes e informes do que acontece durante as competições, tanto referente a organização como aos jogos em si, exemplo disso são as informações dos grupos sorteados, confrontos, hora e local de cada etapa, resultados, tudo isso separados por modalidades. As informações que constam no boletim final do evento são os últimos resultados dos confrontos e provas, bem como o resultado geral de votações, classificação geral por modalidade, classificação final geral e quadro de medalhas.

3.4 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE DADOS

Para suprir os objetivos desta pesquisa foram analisados todos os boletins disponíveis, com foco especial nos documentos de nº 1 e nº 5, tendo os demais como complementos. Os documentos foram acessados em seu local de publicação original e subseqüente salvos em *Portable Document Format* (PDF) para melhor manuseio.

Cada documento foi explorado de forma que contribuísse para disponibilizar as informações pretendidas, a fim de encontrar os resultados referente aos objetivos da pesquisa. As informações obtidas foram anexadas em uma planilha no *software* excel e caracterizadas cada qual para seu objetivo. Posteriormente foram criados os gráficos explicativos para cada categoria de dados coletada através dos boletins.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Para análise de dados da presente pesquisa, foram realizados procedimentos de estatística descritiva utilizando frequências absolutas e relativas e média, além dos valores mínimos e máximos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante dos objetivos do presente estudo, os resultados foram organizados sequencialmente de modo que contribua para a discussão e compreensão dos mesmos, apresentando a trajetória das Paralimpíadas Escolares de 2009 a 2016.

4.1 ESTADOS PARTICIPANTES DAS PARALIMPÍADAS ESCOLARES

A tabela 1 mostra o número de estados brasileiros que escreveram suas delegações nas edições das Paralimpíadas Escolares de 2009 a 2016.

Tabela1. Estados participantes nas Paralimpíadas Escolares de 2009 a 2016.

Ano	Estados participantes+ Distrito Federal*	% Estados Brasileiros + Distrito Federal
2009	20	74,1%
2010	22	81,5%
2011	24	88,9%
2012	25	92,6%
2013 **	27	100%
2014 **	25	92,6%
2015 **	25	92,6%
2016	25	92,6%

Notas: * (Participação do Distrito Federal em todas as edições)

** (Ano de participação do Reino Unido, não contabilizado na soma de estados)

Observa-se que o número de estados que inscreveram suas delegações nas paralimpíadas escolares foi aumentando gradativamente ao longo das edições, tendo o ápice no ano de 2013, atingindo 100% de participação, no qual os 26 estados brasileiros e o Distrito Federal (que participou de todas as edições) se inscreveram, ano marcado também pela participação da delegação do Reino Unido que se estendeu por mais duas edições, totalizando três participações (2013, 2014 e 2015). Subsequente, o número de participantes diminuiu para 25 delegações, se estabilizando em 92,6% de estados inscritos nas paralimpíadas escolares de 2014 a 2016.

Os estados que não participaram das últimas três edições foram Piauí (PI) e Roraima (RR). A delegação do Piauí não participou das duas primeiras edições das paralimpíadas escolares (2009 e 2010), marcando presença nos três anos seguintes, quando deixou novamente de participar a partir de 2014. Segundo a SEID do Piauí – Secretária Estadual para Inclusão da Pessoa com Deficiência (2012),

metas foram apresentadas para a participação do estado em eventos paradesportivos, também foram ressaltadas as grandes chances dos paratletas medalharem nessas competições. Possivelmente houve um corte de verbas para a área do esporte ou especificamente para a área do paradesporto, contribuindo para a não participação do estado nas demais edições das paralimpíadas escolares, já que o portal de notícias Cidade Verde (2015) publicou uma matéria enfatizando a decadência do estado em promover o paradesporto, bem como, a carência de incentivos quanto ao mesmo. Já Roraima participou apenas da edição de 2013, o que leva a acreditar na mesma falta de verbas e incentivos, que provavelmente aconteceram somente no ano marcado pela participação da delegação convidada (Reino Unido), outro fator determinante pode ser a distância de mais de 3000km do estado até São Paulo, onde a maioria das edições das paralimpíadas escolares aconteceu.

As paralimpíadas escolares de 2013 ganhou caráter de competição internacional, a delegação do Reino Unido, a convite do Ministério do Esporte Brasileiro participou da edição competindo em quatro modalidades (bocha, futebol de 7, goalball e natação). Segundo o Ministério do Esporte (2013), esse convite veio como parte de uma aproximação entre Brasil e Grã-Bretanha, já que no mesmo ano, porém antes das paralimpíadas escolares, oito atletas brasileiros participaram de um intercâmbio, competindo nos “Jogos Escolares do Reino Unido” na cidade de Sheffield - Inglaterra, conquistando 2 medalhas de ouro, 2 medalhas de prata e 3 medalhas de bronze. Dantas (2007) classifica esse intercâmbio como uma permuta entre povos e culturas, Pucci (2015) complementa que essa troca de experiência entre culturas, desenvolve valores como cooperação, respeito e amizade a partir do momento que o indivíduo conhece histórias e realidades diferentes das suas, além de proporcionar autoconhecimento e uma oportunidade de reflexão sobre novas maneiras de pensar e agir.

4.2 ALUNOS E MEMBROS DE COMISSÃO TÉCNICA PARTICIPANTES DAS PARALIMPÍADAS ESCOLARES

A tabela 2 mostra o número de alunos e membros da comissão técnica, participantes das paralimpíadas escolares, os dados são de 2010 a 2016, já que o

boletim oficial nº 1 de 2009, cujo contém tais informações, não estava disponibilizado no site oficial do CPB onde os demais dados foram coletados.

Tabela 2. Número absoluto e relativo de alunos e membros da comissão técnica, participantes das Paralimpíadas Escolares de 2009 a 2016.

Ano	Alunos (%)	Comissão Técnica (%)	Total
2009	*	*	*
2010	826 (63,3%)	480 (36,7%)	1306
2011	962 (60,4%)	630 (39,6%)	1592
2012	1201 (61%)	766 (39%)	1967
2013 **	1264 (59,9%)	846 (40,1%)	2110
2014 **	596 (54,5%)	498 (45,5%)	1094
2015 **	708 (56,6%)	552 (43,4%)	1250
2016	903 (62,8%)	542 (37,2%)	1437

Notas: * (Boletim de dados oficiais não disponível)

** (Ano de participação do Reino Unido)

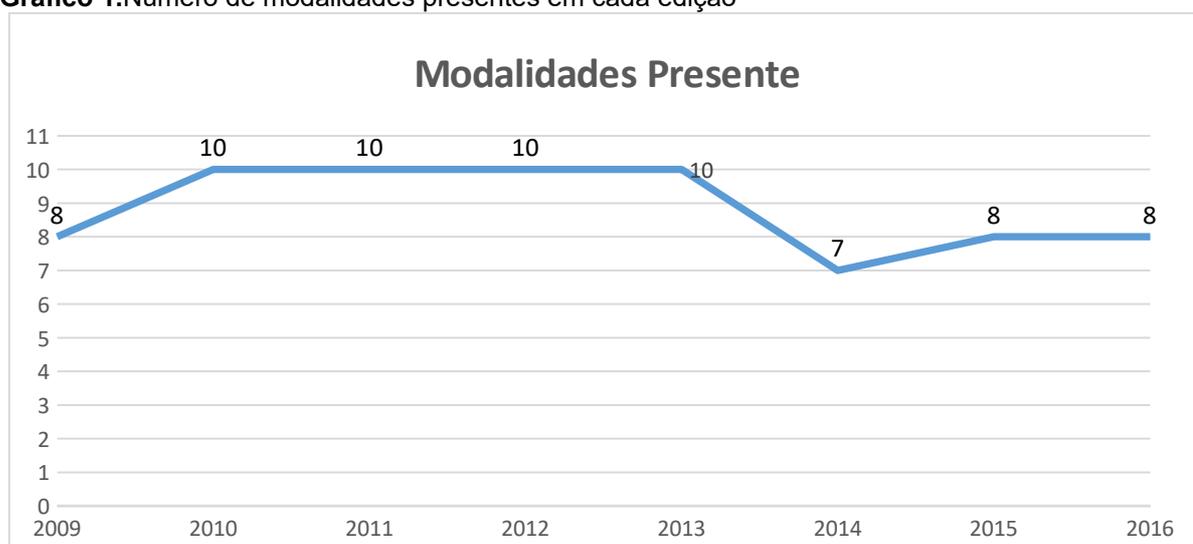
A exemplo do número de Estados participantes, o número de alunos e membros da comissão técnica também foi aumentando ao longo das edições, enquanto o total de participantes (alunos e membros da comissão técnica) foi aumentando gradativamente até atingir o ápice na edição de 2013. Referente ao número total de participantes por edição, tivemos o ápice de 63,3% de alunos participando em 2010, sendo que em 2014 os membros de comissão técnica atingiram 45,5% de participação. O ano com mais participações fica claramente subsidiado pelo fato de todos os estados brasileiros terem participado do evento, além da delegação do Reino Unido. As demais variações podem ter ocorrido devido a mudanças de regulamento, principalmente nas condições de participação e faixa etária dos alunos, já que o Regulamento Geral das Paralimpíadas Escolares (2011) consta que para participar a idade necessária deve ser de no mínimo 12 anos e máximo de 21 anos de idade e o Regulamento Geral das Paralimpíadas Escolares (2017) consta que para participar a idade necessária deve ser de no mínimo 12 anos e máximo de 17 anos. Infelizmente os demais regulamentos não constam no site do CPB e não foram localizados em nenhuma outra base de dados. Outro fator que pode ter sido determinante no número de participantes são as modalidades oferecidas por edição, conforme apresentadas no tópico a seguir.

4.3 NÚMERO DE MODALIDADES E MEDALHAS DISTRIBUÍDAS

Este tópico refere-se às modalidades disponibilizadas por edição das parolimpíadas escolares de 2009 a 2016, bem como, a quantidade de medalhas distribuídas em cada uma delas.

O gráfico 1 apresenta o número de modalidades presentes em cada edição das parolimpíadas escolares.

Gráfico 1. Número de modalidades presentes em cada edição

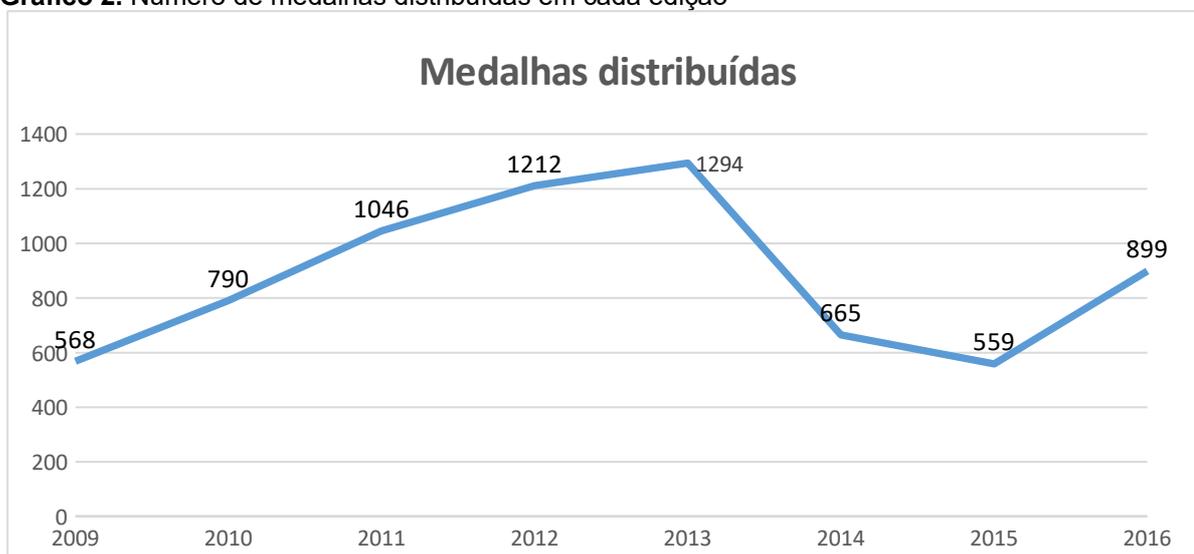


Entre as oito Parolimpíadas Escolares já disputadas, destacam-se seis modalidades que estavam presentes em todas as edições: atletismo, bocha, goalball, judô, natação e tênis de mesa. Modalidades como: futebol de 5, futebol de 7, tênis em cadeira de rodas e voleibol paralímpico foram disponibilizadas somente em algumas edições. A condição de participação em cada modalidade fica anexada ao regulamento específico do esporte em questão, como esses dados não estão disponíveis, fica difícil elencar as decisões que levaram essa variação acontecer, todavia, Silva (2017) diz que ao longo das edições, o CPB buscou selecionar um grupo etário específico para o evento, a estratégia utilizada para suprir tal objetivo pode ter sido o manejo de modalidades. Dez modalidades fizeram parte do evento durante quatro anos seguidos (2010 a 2013), já nas Parolimpíadas Escolares de 2014, três modalidades foram retiradas (futebol de 5, futebol de 7 e voleibol paralímpico), tendo a volta do futebol de 7 nas edições de 2015 e 2016.

A exclusão dessas modalidades não foi devida a falta de inscrições e interesse dos participantes, já que de acordo com os boletins analisados, em todas as edições ao menos cinco delegações estaduais se inscreveram. O futebol de 5 obteve o número mínimo de inscrições em 2010 e 2012 com seis equipes e máxima em 2011 e 2013 com sete equipes inscritas, já o futebol de 7 teve a inscrição mínima em 2010, com seis delegações estaduais inscritas modalidade e máxima de dez inscrições em 2013, o voleibol paralímpico obteve em relação a inscrições, mínima de cinco equipes na edição de 2010 e máximo de oito equipes em 2011. O motivo das modalidades não serem disponibilizadas foi o corte de verbas, segundo o CPB (2014, apud SILVA, 2017, p. 73), na edição das parolimpíadas escolares de 2014 o Governo do Estado de São Paulo não contribuiu com recursos para a realização do evento, sendo assim, medidas precisaram ser tomadas, como a diminuição na faixa etária dos alunos participantes e o corte destas três modalidades coletivas.

O gráfico 2 apresenta o número de medalhas distribuídas em cada edição das parolimpíadas escolares.

Gráfico 2. Número de medalhas distribuídas em cada edição



As medalhas distribuídas por edição do evento não seguem um padrão propriamente dito, as parolimpíadas escolares de 2010 a 2013 contaram com 10 modalidades cada, porém o número de premiação aumentou gradativamente, tendo uma queda brusca na edição de 2014, onde foram retiradas três modalidades conforme apresentado anteriormente. Contudo, em 2015 e 2016 as parolimpíadas

escolares voltaram a ter oito modalidades, porém o número de medalhas caiu ainda mais em 2015 tendo um aumento relevante em 2016.

Conforme consta no Regulamento Geral das Paralimpíadas (2011 e 2017 Art.36), o que define as condições de premiações é o regulamento geral de cada modalidade, como não estão disponíveis, pressupõe que a variação de medalhas distribuídas tem maior associação com as categorias das modalidades em cada edição, principalmente no atletismo e natação, em que o número de provas disputadas é maior, pois varia de acordo com o número de alunos inscritos, bem como, a classificação funcional e oftalmológica de cada um deles. Ainda devido a classificação funcional e oftalmológica de cada aluno/paratleta, o número de participantes por categoria pode variar, sendo que em alguns casos a prova disputada não atinge três competidores, conforme observado nos boletins disponíveis no site do CPB, então vale ressaltar que em casos assim ficam a critério do regulamento específico da modalidade se haverá premiação com medalha ou não.

4.4 CLASSIFICAÇÃO GERAL DAS PARALIMPÍADAS ESCOLARES

O presente tópico está associado à classificação geral das paralimpíadas escolares de 2009 a 2016, de acordo com os boletins oficiais de cada edição.

O quadro 1 reflete a classificação geral das Paralimpíadas Escolares por estados, mostrando os cinco melhores de cada edição.

Quadro 1. Classificação geral por edição até o 5º lugar					
Ano	1º Lugar	2º Lugar	3º Lugar	4º Lugar	5º Lugar
2009	São Paulo	Rio de Janeiro	Mato Grosso do Sul	*	*
2010	Rio de Janeiro	São Paulo	Distrito Federal	Minas Gerais	Santa Catarina
2011	São Paulo	Rio de Janeiro	Minas Gerais	Santa Catarina	Mato Grosso do Sul
2012	Rio de Janeiro	São Paulo	Santa Catarina	Minas Gerais	Mato Grosso do Sul
2013	Rio de Janeiro	São Paulo	Santa Catarina	Pará	Minas Gerais
2014	Santa Catarina	Rio de Janeiro	São Paulo	Minas Gerais	Distrito Federal
2015	São Paulo	Rio de Janeiro	Minas Gerais	Pará	Santa Catarina
2016	São Paulo	Santa Catarina	Rio de Janeiro	Paraíba	Mato Grosso do Sul

Nota: * (Não disponível no boletim oficial)

Todas as modalidades, de acordo com seu regulamento específico, contribuem para a pontuação geral, vale ressaltar que os estados de São Paulo e Rio de Janeiro provam ser “potências” do paradesporto escolar nacional, já que entre todas as edições, estiveram entre os três primeiros colocados geral em todas

elas. São Paulo obteve o título quatro vezes, seguido pelo Rio de Janeiro com três títulos, na sequência vem Santa Catarina com um título conquistado. Vale ressaltar que todas as delegações que alcançaram as cinco primeiras posições, participaram de todas as edições das parolimpíadas escolares, possivelmente tendo como fator relevante, investimentos e valorização do paradesporto em seus respectivos estados.

De acordo com os boletins de Nº 1 das parolimpíadas escolares que estão disponíveis (exceção do boletim Nº 1 de 2009), o estado de São Paulo foi o que mais inscreveu alunos em todas as edições, podendo ser esse, um dos fatores chave para as boas colocações. Outro ponto a destacar é o alto investimento financeiro do estado no paradesporto, prova disso foi a criação do Centro Paraolímpico Brasileiro em São Paulo. Segundo a Rede Nacional do Esporte (2015), além dos investimentos financeiros do Governo Federal, o Governo do Estado de São Paulo investiu R\$ 119,7 milhões em obras e R\$ 4 milhões em equipamentos. Ainda, segundo a Rede Nacional do Esporte (2015), o espaço é utilizado para treinamentos, competições e intercâmbios. Esses fatores podem ser cruciais para a motivação dos adolescentes com deficiência iniciarem no esporte.

O Rio de Janeiro por sua vez, foi sede das Olimpíadas e Paralimpíadas 2016, como o COI (Comitê Olímpico Internacional) divulgou a cidade sede no ano de 2009, os investimentos no esporte e paradesporto do estado do Rio de Janeiro também aumentaram. Segundo Picciani (2016) "o sucesso dos Jogos Paralímpicos se deve à capacidade dos atletas brasileiros de se superar e vencer desafios" e que no sucesso da realização de grandes eventos a sociedade deixa de enxergar o esporte como política de segunda importância e passam a vê-lo como política de primeira importância, tanto na transformação de pessoas, quanto no incentivo ao desenvolvimento econômico.

4.5 CLASSIFICAÇÕES NAS MODALIDADES COLETIVAS

Das modalidades coletivas, este tópico busca analisar os fatores contribuintes para a classificação dos estados diante dos resultados e placares dos jogos em questão, foram coletados dados dos boletins referente às modalidades de goalball, futebol de 7 e voleibol paralímpico. O goalball esteve presente em todas as edições

das parolimpíadas escolares, nas categorias masculino e feminino, começamos por ele.

A tabela 3 mostra os confrontos decisivos do goalball na categoria masculino, separados por edição e com destaque quanto a final e disputa pelo bronze. Todos os estados estão citados com sua sigla de Unidade Federativa (UF).

Diante dos resultados por partida, houve desequilíbrio das equipes em algumas edições, com muitos gols de diferença no placar, destacando-se a final de 2015 em que Minas Gerais (MG) venceu por 10 gols de diferença. De acordo com a regra do esporte, disponibilizadas pela IBSA (*International Blind Sports Federation*), o jogo terminará quando uma equipe abrir dez gols de vantagem sobre o adversário, mesmo que o tempo regulamentar não tenha terminado, o mesmo aconteceu na disputa pelo bronze nos anos de 2012 e 2015, sendo assim, possivelmente a modalidade do goalball na categoria masculino teve maior desequilíbrio na edição da Parolimpíadas Escolares de 2015.

Tabela 3. Resultados do goalball na categoria masculino

Ano	Final	Bronze
2009	PA 3 x 5 MG	SC 5 x 8 DF
2010	DF 9 x 8 PA	RJ 7 x 5 SP
2011	SP 14 x 5 RJ	MG 10 x 8 PR
2012	SP 6 x 10 DF	PR 2 x 12 RJ
2013	RJ 9 x 5 DF	SP 6 x 4 PA
2014	SP 1 x 9 PB	MG 12 x 8 BA
2015	MG 16 x 6 PB	BA 0 x 10 SP
2016	MG 2 x 10 PB	SP 8 x 0 BA

Tratando-se de vezes no pódio, a modalidade do goalball na categoria masculino é equilibrada, nenhum estado se sobressaiu quanto a essa variável, referindo-se aos estados que se classificam para as fases finais da modalidade. Minas Gerais (MG) e São Paulo (SP) acumulam cinco pódios cada, seguidos por Rio de Janeiro (RJ) e Distrito Federal (DF) que subiram no pódio quatro vezes. Quanto ao número de títulos da modalidade nesta categoria, seguimos com equilíbrio, Minas Gerais (MG), Distrito Federal (DF) e Paraíba (PB) são os “mais vezes campeão”, acumulando dois títulos cada estado.

Seguindo a análise do goalball, a tabela 4 mostra os confrontos decisivos na categoria feminina, também separados por edição e com destaque quanto a final e disputa pelo bronze.

Tabela 4. Resultados do goalball na categoria feminina

Ano	Final	Bronze
2009	RJ 4 x 2 PA	SC 6 x 10 DF
2010	DF 6 x 7 MG	PB 7 x 5 PA
2011	SP 4 x 5 PB	DF 0 x 1 MG
2012	SP 2 x 8 RJ	PR 2 x 9 PB
2013	RJ 8 x 5 ES	PA 11 x 1 PR
2014	RJ/SC 9 x 3 BA	MG 4 x 2 MT
2015	BA 8 x 5 RN	SP 12 x 2 MA
2016	SP 0 x 6 RN	BA 5 x 1 MG

Os jogos na categoria feminina mostram-se mais equilibrados em questão de resultados por partida, principalmente na disputa pelo título da modalidade. Quanto a disputa pelo bronze, em 2013 e 2015 ocorreram a diferença de 10 gols, fazendo com que a partida termine antes do tempo regulamentar. Juntando os dados de ambas categorias (masculino e feminino), temos possivelmente a edição das Paralimpíadas Escolares de 2015 como a mais desequilibrada quanto a modalidade do goalball.

Um desequilíbrio também é apresentado quanto ao número de títulos. Enquanto nenhum outro estado possui mais que 1 título, o Rio de Janeiro (RJ) acumula 4 medalhas de ouro no goalball feminino (2009, 2012, 2013 e 2014), possivelmente por suas jogadoras terem maior acompanhamento profissional e treinamento, já que a base da seleção feminina adulta, segundo a Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV - 2013) era formada por paratletas do Rio de Janeiro. Outro possível contribuinte é o Instituto Benjamin Constant (IBC), que se trata de um órgão com administração autônoma, ligado diretamente ao Gabinete do Ministro de Estado da Educação. O Instituto é conhecido por revelar atletas de goalball, além disso, segundo o próprio site do IBC (2016), o Instituto é mais que uma escola que atende crianças cegas, “é também um centro de referência, a nível nacional, para questões da deficiência visual, capacitando profissionais e assessorando instituições públicas e privadas nessa área”.

Na tabela 5 são apresentados os resultados com relação à classificação no futebol de 7, separados por edição e com destaque quanto a final e disputa pelo bronze. Todos os estados estão citados com sua sigla de Unidade Federativa (UF).

Tabela 5. Resultados do futebol de 7

Ano	Final	Bronze
2009	MS 11 x 0 DF	SP 1 x 3 RO/AC
2010	MS 3 x 9 RJ	DF 13 x 0 SP
2011	MS 2 x 5 RJ	RO (0) 3 x 3 (3) DF

Ano	Final	Bronze
2013	*	*
2014	**	**
2015	MS (6) 9 x 9 (5) RJ	PA 1 x 3 SP
2016	RJ 0 x 5 MS	SP 10 x 1 SC

Notas: * (Edição disputada no sistema de pontos corridos)

** (Não houve modalidade neste ano)

Levando em conta os resultados do futebol de 7 em destaque, a edição das parolimpíadas escolares de 2010 foi a menos equilibrada em relação a diferença de gols por partida, sendo 6 gols de diferença na final, no qual, o Rio de Janeiro (RJ) levou o ouro, deixando o Mato Grosso do Sul com a prata e 13 gols de diferença na disputa pelo bronze, dando a medalha para o Distrito Federal (DF). Porém no ano anterior (2009), a diferença entre o 1º e o 2º colocado foi de 11 gols, teoricamente a final mais fácil de todas as edições até então.

É importante dar destaque para os estados do Mato Grosso do Sul (MS), que participou de todas as finais em que o futebol de 7 esteve presente (exceção de 2013 que a modalidade foi disputada por pontos corridos), sendo campeão em 3 edições, bem como o Rio de Janeiro (RJ), tendo participação em 5 finais e também conquistando o ouro em 3 edições. Segundo a Página Brasil (2017), o Mato Grosso do Sul “domina” a seleção de Futebol 7, sendo que 4 dos 12 atletas são do estado, além de 3 membros da comissão técnica, dessa forma, presume-se que ter uma boa equipe de adultos, favorece uma boa base e renovação constante de atletas.

Já com relação ao voleibol paralímpico, na tabela 6 estão descritos os resultados dos sets das finais e disputas de bronze, separados por edição. Todos os estados estão citados com sua sigla de Unidade Federativa (UF).

Tabela 6. Resultados do voleibol paraolímpico

Ano	Final / Sets	Bronze / Sets
2009	**	**
2010	*	*
2011	PA 2 x 0 SP-A / 25-23 e 25-18	RJ 2 x 0 AL/GO / 25-21 e 25-19
2012	RJ 0 x 2 PA / 7-25 e 15-25	MG 2 x 0 SP / 25-17 e 25-18
2013	PA 3 x 0 RJ / 25-16, 25-15 e 25-22	SP 0 x 3 MG / 17-25, 22-25 e 23-25
2014	**	**
2015	**	**
2016	**	**

Notas: * (Edição disputada no sistema de pontos corridos)

** (Não houve modalidade neste ano)

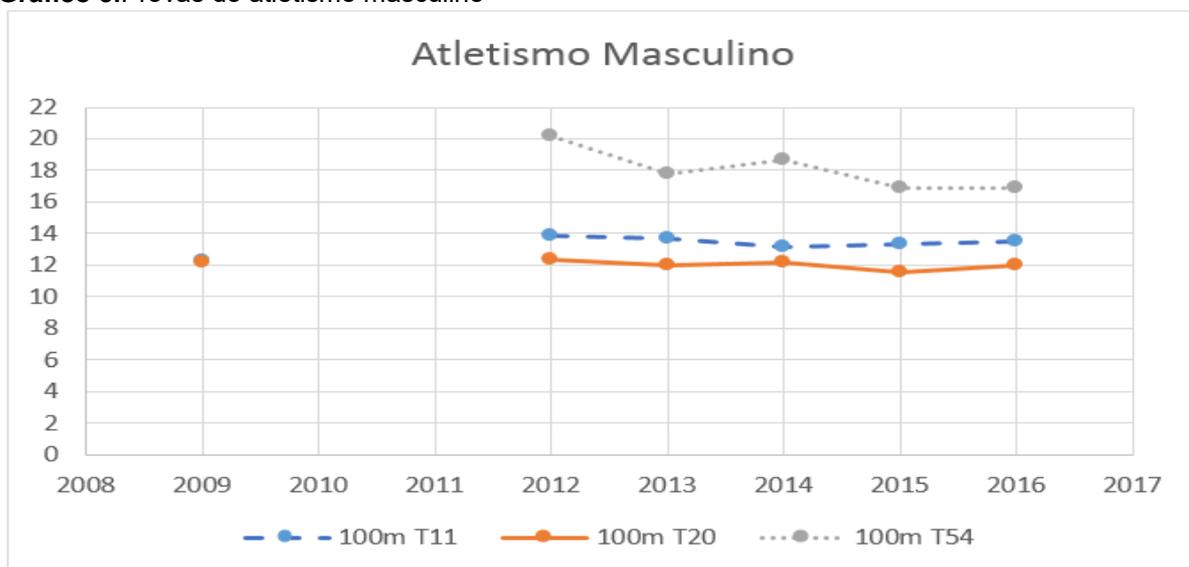
Para análise, foi desconsiderado o ano em que o voleibol paralímpico foi disputado no sistema “todos contra todos”, contudo, o destaque vai para o estado do Pará (PA), que conquistou o título de todas as edições em que os resultados foram coletados. De acordo com a Secretaria do Esporte e Lazer do Pará (SELL, 2012), o Estado é “uma porta” para as modalidades em geral, tendo o compromisso com a sociedade de oferecer benefícios e inclusão social através do esporte, no mesmo ano o Estado foi sede do 1º Campeonato Brasileiro de Voleibol Sentado - Série C.

A edição mais disputada com relação à pontuação dos sets foi em 2011, porém nos anos de 2012 e 2013 ocorreu um desequilíbrio, com o Pará (PA) se mostrando superior com grandes diferenças na pontuação. Outro apontamento importante é a quantidade de sets que mudou do ano de 2012 para 2013, possivelmente ocasionado por modificações no regulamento geral da modalidade.

4.6 CLASSIFICAÇÃO NAS MODALIDADES INDIVIDUAIS

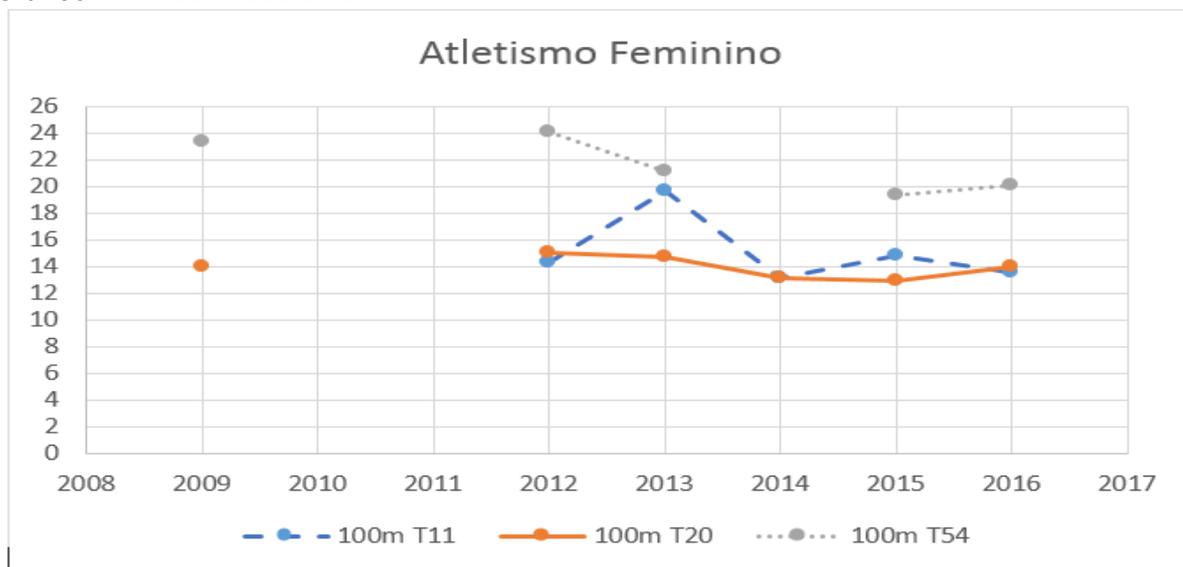
As modalidades em foco neste tópico são o atletismo e a natação. Ambas são divididas em várias categorias de acordo com a classificação funcional e oftalmológica de cada participante. Optou-se por selecionar as provas de velocidade mais tradicionais de cada modalidade, ou seja, os 50 metros livres da natação e os 100 metros do atletismo. A escolha das categorias analisadas foi devido ao maior grau de lesão constado nos boletins oficiais do evento, outro fator levado em consideração foi a escolha de provas da categoria B, que contam com a participação dos alunos mais velhos.

O gráfico 3 apresenta as provas de atletismo escolhidas para análise, são elas: 100 metros T11 para atletas com deficiência visual, 100 metros T20 para atletas com deficiência intelectual e 100 metros T54 para atletas com deficiência física.

Gráfico 3. Provas do atletismo masculino

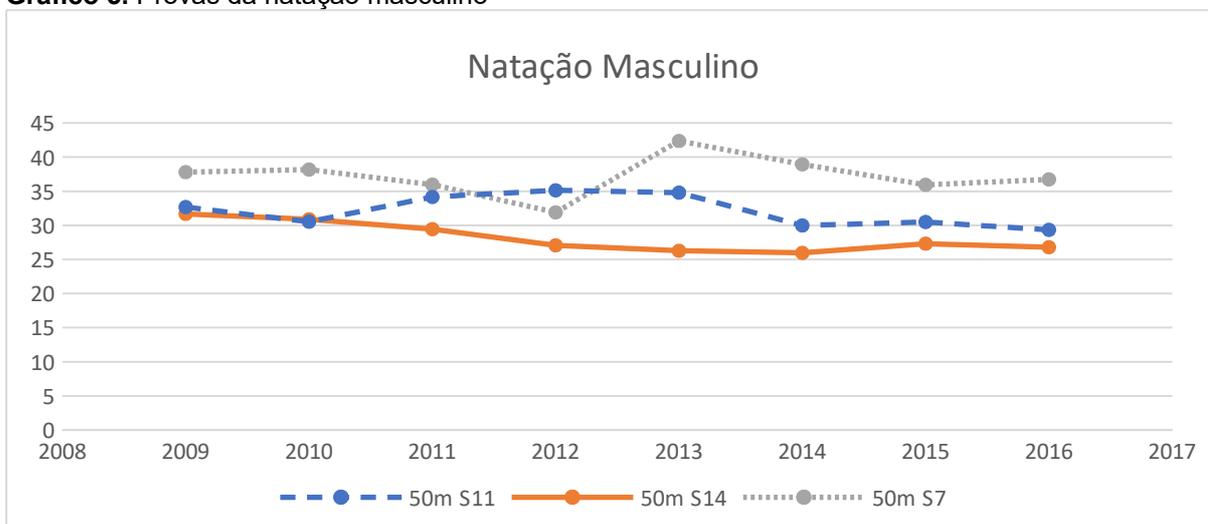
Os 100 metros T20 aconteceram em 2009 e depois só voltaram a aparecer nas Paralimpíadas Escolares de 2012, juntamente com as categorias T11 e T54, que se estenderam até a edição de 2016. Diante dos boletins oficiais de cada edição, constatou-se de fato que as provas nessas categorias não foram disputadas em 2011, porém os boletins da edição 2010 não estão todos disponíveis, sendo assim, uma lacuna permanece quanto à realização dessas provas nas Paralimpíadas Escolares 2010. Referente ao tempo de prova, T11 (deficiência visual) e T20 (deficiência intelectual) mantiveram-se regulares durante os anos, já o tempo de prova da categoria T54 (deficiência física), variou, tendo uma melhora significativa em relação ao primeiro (2012), cujo melhor tempo foi de 20'18 segundos e o último ano da prova (2016), cujo melhor tempo foi de 15'11 segundos.

O gráfico 4 também apresenta as provas de atletismo: 100 metros T11 para atletas com deficiência visual, 100 metros T20 para atletas com deficiência intelectual e 100 metros T54 para atletas com deficiência física, porém agora são os tempos das provas na categoria feminina.

Gráfico 4. Provas do atletismo feminino

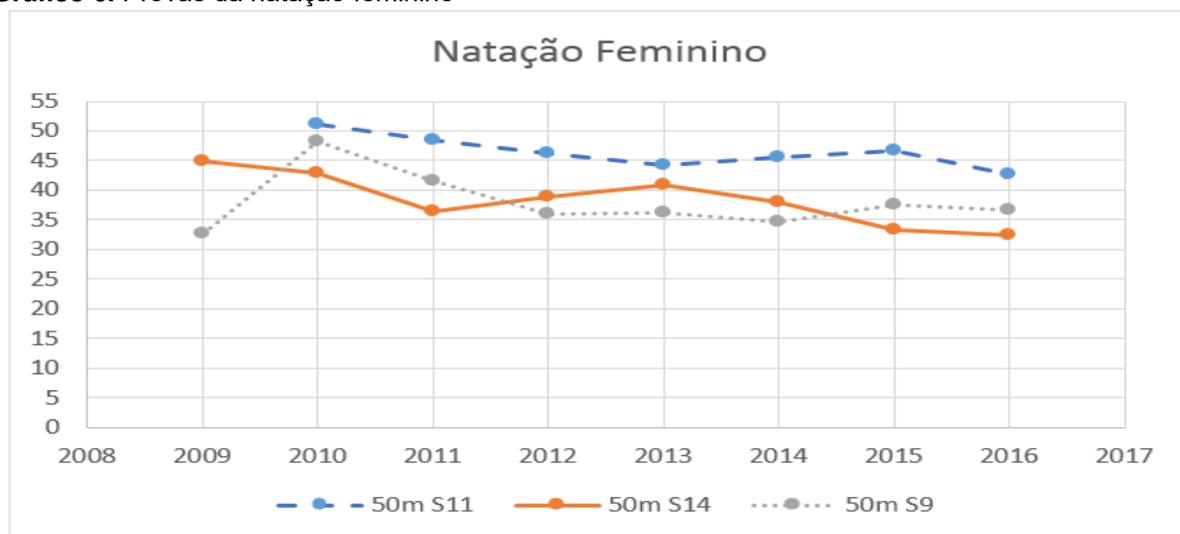
Na categoria feminina, todas as três provas foram disputadas nas Paralimpíadas Escolares de 2009, voltando a aparecer somente em 2012, no entanto, vale ressaltar novamente que os boletins de 2010 não estão todos disponíveis, sendo assim, não há como informar se as provas em questão aconteceram ou não nesta edição, contudo seguiram até a edição de 2016, com exceção da prova 100 metros T54 (deficiência física) que não foi disputada em 2014. As categorias T54 e T11 apresentaram mudanças mais significantes em relação ao tempo, com variações crescentes e decrescentes ao longo das edições, tendo a grande diferença com relação ao tempo de 2013 (19'6seg) e o tempo de 2014 (13'08seg) na categoria T11. De acordo com o CPB (2017) o atletismo paralímpico adulto do Brasil, já faturou 142 medalhas em Jogos Paralímpicos, sendo 40 de ouro, 61 de prata e 41 de bronze.

As análises das provas de natação também foram devidas ao maior grau de lesão constado nos boletins oficiais do evento, sendo selecionadas as provas de 50 metros livre S11 para atletas com deficiência visual, 50 metros livre S14 para atletas com deficiência intelectual e 50 metros livre S7 para atletas com deficiência física na categoria masculino. O gráfico 5 apresenta esses dados.

Gráfico 5. Provas da natação masculino

As categorias escolhidas na natação estiveram presente em todas as edições das Paralimpíadas Escolares. Variações de tempo aconteceram ao longo dos anos de forma crescente e decrescente, com destaque para os 50 metros livres S7 (deficiência física), que teve uma diminuição significativa quanto à duração da prova em 2012 (31'9seg), porém com um aumento exorbitante desse tempo no ano seguinte, atingindo 42'37 segundos de duração.

O gráfico 6 também apresenta as provas de natação, porém agora são os tempos das provas na categoria feminina, tendo alteração na categoria da prova para pessoas com deficiência física, ficando da seguinte maneira: 50 metros livre S11 para deficiente visual, 50 metros livre S14 para deficiente intelectual e 50 metros livre S7 para deficiência física.

Gráfico 6. Provas da natação feminino

Os 50 metros da natação S11 (deficiência visual), não foi disputado nas Paralimpíadas Escolares de 2009, porém estiveram em todas as outras e com pouca variável de tempo. As categorias S14 (deficiência intelectual) e S9 (deficiência física) tomaram caminhos opostos, enquanto o tempo de prova dos 50 metros S14 começou em alta no ano de 2009 (44'79seg), diminuiu gradativamente em 2010 (42'5seg) e 2011 (36'42seg), voltando a aumentar em 2013 (40'85), com queda nos anos seguintes, já os 50 metros S9 começaram em baixa, o tempo da realização da prova teve seu aumento pico em 2010 (48'29seg), baixando e se estabilizando em 2012 (36'05seg) e 2013 (36'17seg) com aumento novamente nas Paralimpíadas Escolares de 2015 (37'52seg).

A natação paralímpica brasileira é muito forte desde a base, Pussieldi (2017) relata que o Brasil “dominou” a natação dos Jogos Parapan-Americanos de Jovens deste ano, alcançando a marca de 61 medalhas, sendo 27 de ouro, 17 de prata e 17 de bronze. Esses jovens são o futuro do paradesporto brasileiro em competições internacionais, de acordo com o CPB (2017) os paratletas brasileiros que competem na natação nos Jogos Paralímpicos, já faturaram 102 medalhas em Jogos Paralímpicos, sendo 32 de ouro, 34 de prata e 36 de bronze, ficando atrás apenas do atletismo, fato que comprova a importância de ambas as modalidades para o sucesso do paradesporto brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu uma análise das Paralimpíadas Escolares de 2009 a 2016, com fatos e possíveis variáveis que influenciam na trajetória deste evento, bem como, com a participação de forma geral dos Estados brasileiros e modalidades oferecidas por edição.

Em média, 89,3% dos Estados brasileiros inscrevem suas delegações e seus respectivos alunos com deficiência nas Paralimpíadas Escolares, o índice só não é maior devido a possível falta de incentivo e investimentos no esporte, bem como no paradesporto por alguns Governos Estaduais. Essa carência em investimento tende a afetar principalmente os estados localizados em maior distância territorial do local sede de cada edição.

A tradição de equipes paradesportivas adulta e o destaque de determinado atleta em alguma modalidade, pode ser um dos fatores contribuintes para os adolescentes com deficiência buscarem oportunidades através do paradesporto. Quando se fala de oportunidades, não é possível deixar de citar novamente o reflexo que incentivos e investimentos governamentais têm sobre esses eventos, bem como, na participação de alunos e membros da comissão técnica de cada delegação representando seus Estados.

A falta de auxílio financeiro causou impacto negativo na edição de 2014, em que o Governo do Estado de São Paulo, cujo era Estado sede do evento neste ano, não contribuiu com recursos para a realização das Paralimpíadas Escolares, fato que justificou o corte de três modalidades coletivas (futebol de 7, futebol de 5 e voleibol paralímpico). Além disso, houve alteração de idade dos alunos que poderiam participar desta edição, diminuindo consideravelmente o número de participantes de forma geral (alunos e membros de comissão técnica).

Quanto ao desempenho geral por Estados ao longo das edições, ficou evidente a força e influência que os Estados de São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ) têm sobre o paradesporto nacional. Ambos estiveram entre os três primeiros colocados geral em todas elas. São Paulo obteve o título quatro vezes, seguido pelo Rio de Janeiro com três títulos. Esses Estados estão entre os três mais populosos do Brasil, conseqüentemente inscreviam mais participantes por edição, fato que pode contribuir diretamente para o sucesso na classificação geral. Outras características que surgem sustentando esses títulos, são os investimentos de

maneira geral, como a criação do Centro Paraolímpico Brasileiro em São Paulo, o planejamento a longo prazo para a realização das Olimpíadas e Paralimpíadas no Rio de Janeiro em 2016, bem como, a boa estruturação de instituições especializadas no trabalho com pessoas com deficiência, citando como exemplo o Instituto Benjamin Constant (IBC) no Rio de Janeiro.

Tratando-se do desempenho nas Paralimpíadas Escolares de 2009 a 2016, referente às modalidades coletivas e individuais, os levantamentos e probabilidades encontradas são as mesmas já citadas, fatores como incentivo, investimentos e a tradição de equipes adultas contribuem direta e indiretamente para o desempenho do aluno na representação do seu Estado, partindo do pressuposto que uma boa equipe tem uma boa base de atletas para renovação ao longo dos anos.

De maneira geral, as Paralimpíadas Escolares, como qualquer outro evento paradesportivo, necessitam de atenção, ajustes e investimentos constantes. A valorização do paradesporto brasileiro, o crescimento dos eventos relacionados, bem como o desenvolvimento das Paralimpíadas Escolares vêm aumentando gradativamente, mesmo que a passos curtos.

REFERÊNCIAS

AGRÍCOLA, N.P.A. Esporte, esporte escolar e competição: sentidos, ações e contradições. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

ALVES, J. A. B.; PIERANTI, O. P. O Estado e a Formulação de uma Política Nacional de Esporte no Brasil. RAE Online, v. 6, 2007, p. 1.

ANTÔNIO, M. Olimpíadas x Paralimpíadas: Sete coisas que você precisa saber, set. 2016. Em: <<http://www.surtoolimpico.com.br/2016/09/olimpiadas-x-paralimpiadas-sete-coisas.html>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

BARBOSA D. J. O adolescente e o esporte. In: Maakaroun MF, Souza RP, Cruz AR. Tratado de adolescência: um estudo multidisciplinar. Rio de Janeiro: Cultura médica, 1991.

BOER, A. A importância do Esporte Escolar na Socialização de Crianças do 3º ano ao 6º ano do Ensino Fundamental na Cidade de Bagé: Processo de Mudança de Atitude. Revista Congrega Urcamp, p.1-15, 2010.

BORGES, H. R. O voleibol como política pública de socialização juvenil. Universidade do estado de Santa Catarina – UDESC. Centro de ciências da saúde e do esporte – CEFID, 2009.

BRACHT, V. et al. Pesquisa em ação: educação física na escola. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRASIL. Constituição (1988). Emenda Constitucional nº 9, de 9 de novembro de 1995. Dá nova redação ao art. 177 da Constituição Federal, alterando e inserindo parágrafos. Lex: legislação federal e marginalia, São Paulo, v.59, p. 1966, out. /dez.1995.

BRAZUNA, M. R.; MAUERBERG, D.C. E. A Trajetória do Atleta Portador de Deficiência Física no Esporte Adaptado de Rendimento: Uma Revisão da Literatura. Motriz, Rio Claro, v. 7, n.2, p.115-123, jul. 2001.

CARMO, A.A.;ABADIO A. Deficiência Física: A sociedade brasileira cria, “recupera” e discrimina. Brasília: Secretaria dos Desportos, 1991.

CARMO, J. V. M.; MATOS, F. O.; RIBAS, P.R.; MIRANDA, R.; FILHO, M.B. Motivos de início e abandono da prática esportiva em atletas brasileiros. HU Rev. out./dez. 2009.

CBDV. Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais. Seleção brasileira feminina de goalball é convocada para torneio na Suécia, 2013. Em: <<http://cbdv.org.br/noticia/selecao-brasileira-feminina-de-goalball-e-convocada-para-torneio-na-suecia>> Acesso em 28 jun. 2017.

CIDADE VERDE. OAB-PI promove 1º Dia do Paradesporto em Teresina. Março, 2015. Em: <<http://cidadeverde.com/noticias/188448/oab-pi-promove-1-dia-do-paradesporto-em-teresina>> Acesso em 26 jun. 2017.

CORSEUIL, H. X.; PRERES, L. S. Esporte, competição e a criança: Pontos de vista. Caderno de educação física, v. 2, nº 1, p. 161-177, 2000.

CPB. Comitê Paralímpico Brasileiro- Em: <<http://www.cpb.org.br/web/guest/historia>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CPB. Comitê Paralímpico Brasileiro – Paralímpiadas escolares. Em: <<http://www.cpb.org.br/web/guest/paralimpiadas-escolares>> Acesso em: 21 jun. 2017.

DANTAS, T. "Intercâmbio"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao/intercambio.htm>>. Acesso em 28 de junho de 2017.

FARIA, L.; SILVA, S. Promoção do auto-conceito e prática de ginástica de academia. Psicologia: Teoria, Investigação e Prática. 2001.

FEIJÓ, G.O.; SILVA, M.R.; CRUZ, G.C.; SORIANO, J.B. Equipe multiprofissional na escola especial: a educação física em questão. EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, ano 11, n. 103, dez. 2006.

FINCK, S. C. M. (2011). A Educação Física e o esporte na escola: cotidiano, saberes e formação (2ª ed.). Curitiba: Ibpex.

FLORENTINO, J. A. NiklasLuhmann e a teoria social sistêmica: um ensaio sobre a possibilidade de sua contribuição às políticas sociais, exemplificada no fenômeno "rualização". Porto Alegre, 2006a. 204f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS, Porto Alegre, 2006a.

FOCK, J. L.; LINS, R.G. Mini-voleibol e iniciação esportiva. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, nº 145, 2010.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

GABRILLI. M. Desenho Universal: um conceito para todos. Em: <http://vereadoramaraabrilli.com.br/files/universal_web.pdf> Acesso em: 22 jun. 2017.

GARCIA, V. V. A origem dos jogos paralímpicos. Em: <<https://www.deficienteciente.com.br/origem-dos-jogos-paraolimpicos.html>> Acesso em: 20 jun. 2017.

IBC. Instituto Benjamin Constant. O IBC. Junho, 2016. Em: <<http://www.ibc.gov.br/o-ibc>> Acesso em 28 jun. 2017.

IBSA. INTERNATIONAL BLIND SPORTS FEDERATION - Goalball Rules 2014-2017. Em <<http://www.ibsasport.org/news/files/410-1-IBSA-Goalball-Rules-&-Regulations-2014-2017.pdf>> Acesso em 27 jun. 2017.

LBI. Lei Brasileira de Inclusão - Em: <<http://maragabrilli.com.br/wp-content/uploads/2016/03/Guia-sobre-a-LBI-digital.pdf>> Acesso em: 21 jun. 2017.

LOPES, K. T.; DUTRA, G.; MARTELETO, B.; GOLÇALVES, J.; GERALDO, L.; LINHARES, M. Acessibilidade de pessoas deficientes em escolas Públicas. Em: http://www.wgate.com.br/conteudo/medicinaesaude/fisioterapia/variedades/acessibilidade_gleisson.htm. Acesso em: 22 jun. 2017.

MATTOS, M. G. Educação Física Infantil: Construindo o Movimento na Escola. São Paulo, SP: Phorte Editora, 2006.

MELO, A.C.R.; LÓPEZ, R.F.A. O Esporte Adaptado. EFDeportes.com, Revista Digital, Buenos Aires, ano 8, n. 51, agt. 2002.

MEYER, C. Educação e esporte: a combinação perfeita. Julho de 2007.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Bolsa Atleta Em: <<http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/sobre.jsp>> Acesso em: 21 jun. 2017.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Pela primeira vez, Paralimpíadas Escolares contarão com delegação do Reino Unido. Novembro, 2013. Em: <<http://esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/45684-pela-primeira-vez-paraolimpiadas-escolares-contarao-com-a-participacao-de-delegacao-do-reino-unido>> Acesso em 26 jun. 2017.

NAHAS, M. V. Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida: Conceitos e Sugestões para um Estilo de Vida Ativo. 6. ed. Londrina: Midiograf, 2013.

OLIVEIRA, J. E. Costa de. (2013). Educação Física, Esporte e Sociedade. São Paulo: Editora Biblioteca 24 horas.

PÁGINA BRASIL. Mato Grosso do Sul terá 12 paratletas em seleções do Brasil no Pan-Americano 2017. Março, 2017. Em: <<http://paginabrazil.com/mato-grosso-do->

sul-tera-12-paratletas-em-selecoes-do-brasil-no-pan-americano-2017/>Acesso em 28 jun. 2017.

PAGLIUCA, L. M. F.; ARAGÃO, A. E. A.; ALMEIDA, P. C. Acessibilidade e deficiência física: identificação de barreiras arquitetônicas em áreas internas de hospitais de Sobral, Ceará. Revista digital Scielo. Rev. esc. enferm. USP vol.41 no.4 São Paulo Dec. 2007.

PICCIANI, L. Ministro garante continuidade dos investimentos no paradesporto. Setembro, 2016. Em <http://www.portalolimpico.org/6034_Ministro-garante-continuidade-dos-investimentos-no-paradesporto> Acesso em 27 jun. 2017.

PITANGA, F. J.G..Epidemiologia da Atividade Física, Exercício Físico e Saúde. 2ª ed. São Paulo: Phorte, 2004.

PORTAL BRASIL. Classificação funcional,2012. Em: <<http://www.brasil.gov.br/esporte/2012/04/classificacao-funcional>> Acesso em 28 jun. 2017.

PUCCI, B. "A Importância do intercâmbio"; Planet Me - Revista eletrônica sobre intercâmbio e turismo em <<http://www.planetme.com.br/2015/01/importancia-intercambio/>>. Acesso em 28 de junho de 2017.

PUSSIELDI, A. Brasil dominou natação dos Jogos Parapan-Americanos de Jovens. Best Swimming. Março, 2017. Em: <<http://www.bestswim.com.br/2017/03/25/brasil-dominou-natacao-dos-jogos-parapan-americanos-de-jovens/>>Acesso em 28 jun. 2017.

RAMOS, A. M.; NEVES, R. L. D. A iniciação esportiva e a especialização precoce à luz da teoria da complexidade – notas introdutórias. Revista Pensar a Prática, v. 11, n.1, p.1-8, 2008.

REDE NACIONAL DO ESPORTE. 500 dias: conheça os investimentos do governo federal no paradesporto. Abril, 2015. Em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt->

br/noticias/500-dias-conheca-os-investimentos-do-governo-federal-no-paradesporto>
Acesso em 28 jun. 2017.

RODRIGUES, D. Atividade Motora Adaptada: A Alegria do Corpo. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

ROSADAS, S. C. Educação Física Especial para Deficientes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1991.

RUBIO, K. A dinâmica do esporte olímpico do século XIX ao XXI. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 25, n. spe, p. 86-90, 2011.

SANTOS, J.P.G. A importância da Educação Física no desenvolvimento da psicomotricidade. [Monografia]. Rio de Janeiro, 2007.

SEID DO PIAUÍ. Secretária Estadual para Inclusão da Pessoa com Deficiência. Seid destaca ações na saúde e no incentivo ao paradesporto no Piauí. Setembro, 2012. Em: <<http://www.seid.pi.gov.br/noticia.php?id=1060>> Acesso em 28 jun. 2017.

SELL. Secretária de Esporte e Lazer do Pará. Belém sedia o Campeonato Brasileiro de Vôlei Sentado. Setembro, 2012. Em: <<http://www.seel.pa.gov.br/noticia/bel%C3%A9m-sedia-o-campeonato-brasileiro-de-v%C3%B4lei-sentado>> Acesso em 28 jun. 2017.

SILVA, E. A.G. Projeto parolimpíadas escolares: intenção, evolução, articulações e contribuições ao paradesporto educacional brasileiro. 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TUBINO, M. Educação Física e o Esporte do Ocidente no Século XX. Arquivos em Movimento, Rio de Janeiro, Vol. 1, n. 2, p. 99-100. julho/dezembro, 2005.

VIANNA, J. A.; LOVISOLO, H. R. A inclusão social através do esporte: a percepção dos educadores. Revista brasileira de educação física e esporte, v. 25, nº 2, p.285-96, 2011.

WEINBERG, Robert R. S.; GOULD, Daniel. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. Porto Alegre: Artmed, 2001.